

A GRANDE IMIGRAÇÃO EUROPÉIA PARA O BRASIL E O IMIGRANTE ESPANHOL NO CENÁRIO DA CAFEICULTURA PAULISTA: ASPECTOS DE UMA (IN)VISIBILIDADE

Marília D. Klaumann Cánovas¹

“La emigración española representa uno de los fenómenos más característicos de nuestra historia durante los dos últimos siglos. Es también quizá uno de los que la memoria colectiva sustituye un conocimiento profundo por unas imágenes tópicas: una vieja maleta, apenas sujeta con unas cuerdas, reposando junto a un banco, en el que descansa, con desmayo, una negra figura, en una estación de ferrocarril casi desierta.

Más lejanas, como imágenes de color sepia, unos emigrantes que saludan desde un barco.

Poco más sabemos de nuestros emigrantes; como se fuesen unos recuerdos de los que tuviésemos interés por hacerlos desaparecer de nuestra memoria y, sin embargo, difícilmente puede comprenderse nuestro pasado sin considerar el fenómeno emigratorio...”²

De pouquíssima visibilidade, o imigrante espanhol que se destinou ao Estado de São Paulo, no período denominado de **emigração em massa**³, trazia em sua bagagem imaginária as mesmas expectativas e anseios que motivaram a todos aqueles que - provenientes das mais distintas regiões europeias, num primeiro momento, mas também da Ásia, logo depois -, se viram impelidos a empreender a odisséia atlântica.

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo.

E-Mail: <mariliacanovas@uol.com.br>.

² Pronunciamento do Ministro de Trabajo y Seguridad Social, Sr. Luíz Martínez Noval, na Apresentação da Edição Comemorativa dos 500 anos do Descobrimento da América, *Historia General de la emigración española a Iberoamérica, 1492-1992* (Madrid: CEDEAL - Fundación Centro Español de Estudios de America Latina, 1992, p. XIII).

³ Denominação atribuída ao período compreendido entre o fim das guerras napoleônicas até a depressão mundial de 1930, ocasião em que 60 milhões de europeus (e 10 milhões de asiáticos) cruzaram o oceano em direção a outros continentes. Deste total, 71% teriam se dirigido para os Estados Unidos, 21% para a América Latina, e apenas 7% para a Austrália. Desses 21% ou 11 milhões de pessoas que se dirigiram a América Latina neste período, 38% eram italianos, 28% espanhóis e 11% portugueses, para citar as correntes majoritárias. Focalizando especificamente o espanhol, tem-se uma cifra aproximada a 3 milhões de pessoas. Cf. MÖRNER, Magnus. *Aventureros y proletarios: los emigrantes en Hispanoamerica*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p.76.

Esse imigrante deixava para trás um país em crise, uma “*Espanha invertebrada*”⁴. A finais do século XIX, a Espanha possuía uma população de 18,5 milhões de pessoas, densidade considerada crítica para um país pobre, com um setor agrário representando 2/3 de sua economia, apresentando acentuadas contradições internas que resultaram em profundos descompassos não apenas entre os diversos setores da sociedade mas, igualmente, entre suas diversas regiões.

Coexistiam, de um lado, setores produtivos, agrários e industriais, identificados com uma nascente burguesia e, de outro, imensas regiões improdutivas, resultado das desapropriações dos latifúndios pertencentes à Igreja Católica - processo a que se denominou de desamortização, no caso, eclesiástica⁵.

Tais desamortizações estendem-se, posteriormente, também às propriedades pertencentes aos municípios - desamortização civil -, calculadas em 5 milhões de hectares e, depois, ocorrem os confiscos das propriedades legitimamente herdadas e denominadas de *manos muertas*⁶.

Como resultado dessa ingerência oficial, o camponês vê-se progressivamente desalojado do uso das terras comunais⁷, ao mesmo tempo em que, em decorrência dos leilões a que foram submetidas, assiste-se à transferência de imensas propriedades e bens comunais arrematados por grandes proprietários, num movimento que, no entanto, não logrou trazer qualquer benefício aos lavradores, nem deu lugar ao camponês proprietário, contribuindo tão somente para acirrar o seu alijamento dos tradicionais meios de subsistência.

*“Ya no había bienes municipales que repartir en pequeños lotes como
antaño, las tierras señoriales habían sido completamente privatizadas y
la desamortización puesto en manos privadas un número significativo*

⁴ José Ortega y Gasset, um dos mais notáveis escritores espanhóis contemporâneos, assim se referia a Espanha deste período, num claro reconhecimento do desmembramento, da desconexão, dos descompassos e da desigualdade da sociedade espanhola. In: *España invertebrada: bosquejo de algunos pensamientos históricos*. 2. ed. Madrid: Calpe, 1922 (sobretudo p. 177-178).

⁵ A denominada “desamortização eclesiástica”, na verdade levada a efeito em sucessivas etapas, consistiu em desapropriações, por parte do Governo Central, de áreas pertencentes a determinadas ordens religiosas, igrejas e mosteiros - que pelo direito civil e canônico eram perpétuas. De acordo com o direito canônico, esses bens podiam ser incorporados aos organismos eclesiásticos, mas não podiam ser desvinculados dos mesmos por contrato ou qualquer outro título, oneroso ou lucrativo. Calcula-se que entre as desamortizações e os resgates de pensões e rendas, o Estado tenha arrecadado 2.700 milhões de pesetas.

⁶ Com efeito, denominavam-se *manos muertas* aos proprietários de imóveis cuja posse sobre os mesmos não poderia ser alienada e, por extensão, também recebiam a mesma denominação os bens de raiz inalienáveis. Já no século XVIII delineou-se na Espanha o problema das *manos muertas* que se encontrava em estreita relação com o da desamortização eclesiástica (...); daí, a denominação ter sido estendida na Idade Moderna e na época contemporânea aos proprietários cuja *hacienda* (herdade, fazenda) imóvel constituía uma dotação permanente, como era o caso dos bens territoriais da Igreja e dos *mayorazgos* [cf. *Diccionario de Historia de España*, tomo II (I-Z e apêndices). Madrid: Revista de Occidente, 1952, p. 351; tradução nossa].

⁷ Terras pertencentes aos municípios antes das desamortizações e às quais, historicamente, os camponeses tinham acesso através do sistema de campos abertos (Antigo Regime), onde tinham liberdade de buscar o melhor aproveitamento (caça, pesca, lenha, coleta de frutos, etc..).

de montes y dehesas⁸ de aprovechamiento vecinal⁹ y, lo que es peor aún, limitado las posibilidades de las nuevas y más numerosas generaciones de campesinos de acceder a la tierra (...).¹⁰

Desse modo, o que se observa é a persistência do padrão tradicional, concentrador de terra nas mãos dos *terratenedores*, responsável pela estagnação econômica, fato agora agravado pelos recentes arremates de propriedades e, conseqüentemente, pela extensão dos domínios, onde se praticava uma agricultura extensiva e pouco produtiva.

“Cuando este tipo de derechos desaparece como consecuencia de la afirmación en el campo de la propiedad privada o estatal, los jornaleros se ven abocados a conseguir a través del mercado los bienes que antes conseguían gratis de la naturaleza (...) y el trabajo asalariado (...) se convierte en la fuente principal de ingresos (...).”

Porém,

*“(...) el salario no siempre representa el único ingreso ni constituye la única condición reproductiva del grupo doméstico jornalero. La Historia de Andalucía muestra, por ejemplo, las frecuentes migraciones temporeras de jornaleros - a la manzana, a la uva, etc... e incluso a la siega o a la aceituna dentro del mismo perímetro andaluz - ; lo frecuente que era el tener **pequeñas parcelas en arrendamiento o aparcería**; el recurso a la caza (muchas veces furtiva); a la recolección de frutos silvestres o sobrantes, una vez alzadas las cosechas; o a la combinación del trabajo a jornal en el campo con otro tipo de actividad (...); o la importancia que hasta finales del siglo XIX tuvo para las economías domésticas jornaleras el aprovechamiento de bienes y derechos comunales o las parcelas de propios¹¹ repartidas anualmente.*

*(...) que en la campiña, especialmente está la propiedad bastante fraccionada y que existen además multitud de predios¹² arrendados en **pequeñas parcelas** (...) en donde son contados los campesinos que viven exclusivamente del salario; **casi todos son pequeños propietarios o arrendatarios** (...)¹³.*

El valor semántico que los censos dan al término ‘jornalero’ no se refiere únicamente a las formas de percepción del salario, sino que refleja a la perfección el problema de la inestabilidad del empleo (...). De ahí que

⁸ *Dehesas*: pastagens, campos cultivados.

⁹ *Vecinal*: municipal.

¹⁰ NAVARRO, Manuel González de Molina. Siete problemas en la interpretación tradicional sobre el movimiento campesino andaluz. *Historia y fuente oral*, Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 8, 1992, p.44-45.

¹¹ *Parcela de propios*: espaços de uso comum.

¹² *Prédio*: Fazenda, quinta, herdade.

¹³ NAVARRO, Siete problemas..., p. 28-29.

los censos incluyan en la categoría de jornaleros en las ciudades a todos aquellos trabajadores sin conocimiento expreso de un oficio, cuyo quehacer cotidiano se mueve a lo largo de un año en ámbitos muy diferentes: peón de albañil, mozo de cuerda, recadero, mendigo involuntario (...), una situación que afecta sobre todo a los campesinos que llegan a la ciudad y que encuentran difícil acomodo en los mercados de trabajo urbanos."¹⁴

Como se depreende do exposto, a economia de subsistência do camponês vê-se submetida, em função da aceleração dos processos de apropriação privada, a um crescente processo de mercantilização.

Quase simultaneamente, assiste-se à crise que afetou o vinhedo andaluz por ocasião do final da década de 70, denominada filoxera¹⁵, e que, incidindo sobre as pequenas propriedades, teria provocado a ruína de muitos camponeses, constando que, no litoral andaluz, entre 95 e 100% das superfícies vitivinícolas foram destruídas.

Desta forma, o camponês que, como a grande maioria, não possuísse uma pequena propriedade - e até mesmo o pequeno proprietário, agora expropriado por impostos e empréstimos -, necessitava, para garantir a sua sobrevivência, competir com um mercado de trabalho, possivelmente escasso junto aos grandes latifúndios produtivos, oferecendo seus serviços de *jornalero*, muitas vezes aliando a este, outras atividades, como o arrendamento e a parceria.

Há alguns registros e narrativas impagáveis na literatura espanhola da época relatando o triste cotidiano dos *braceros*, que trabalhavam a um jornal de *dos reales y cinco*; em sua obra *La Bodega*, Blasco Ibañez, expõe uma das maiores feridas nacionais do período: a fome.

“Trabajar todo el día bajo el sol ó sufriendo frío, sin más jornal que dos reales y cinco como retribución extraordinaria e inaudita en la época de la siega! Era verdad que el amo daba la comida, pero ¡ que comida para unos cueros que de sol á sol (...).

En verano, durante la recolección, les daban un potaje de garbanzos¹⁶, manjar extraordinario, del que se acordaban todo el año. En los meses restantes, la comida se componía de pan, sólo de pan. Pan seco en la mano y pan en la cazuela¹⁷, en forma de gazpacho fresco o caliente , como si en el mundo no existiese para los pobres otra cosa que el trigo. Una panilla escasa de aceite (...) servía para diez hombres. Había que añadir unos dientes de ajo y un pellizco de sal ...

¹⁴ BAHAMONDE, A. & MARTÍNEZ, J. *Historia de España, siglo XIX*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994, p. 476-477.

¹⁵ Filoxera é o nome do inseto que atacou as videiras andaluzas a partir de 1878-80, proveniente da França; tal denominação se estendeu também ao fenômeno.

¹⁶ Garbanzo: grão-de-bico.

¹⁷ Cazuela: guisado feito em caçarola.

Tres comidas hacían al día los braceros, todas de pan: una alimentación de perros. A las ocho de la mañana, cuando llevaban más de dos horas trabajando, llegaba el gazpacho caliente, servido en un lebrillo¹⁸. Lo guisaban en el cortijo, llevándolo adonde estaban los gañanes (...).

A mediodía era el gazpacho frío, preparado en el mismo campo. Pan también pero nadando en un caldo de vinagre, que casi siempre era vino de la cosecha anterior que se había torcido. Unicamente los zagales y los gañanes, en toda la pujanza de su juventud, le metían cucharada en las mañanas de invierno, engulléndose este refresco, mientras el vientecillo frío les hería las espaldas. Los hombres maduros, los veteranos del trabajo, con el estómago quebrantado por largos años de esta alimentación, manteníanse á distancia, rumiando un mendrugo seco.

Y por la noche, cuando regresaban á la gañancia para dormir, otro gazpacho caliente: pan guisado y pan seco, lo mismo que por la mañana. Al morir en el cortijo alguna res cuya carne no podía aprovecharse, era regalada á los braceros, y los cólicos de la intoxicación alteraban por la noche el amontoamiento humano (...).

Los hombres empezaban de pequeños el aprendizaje de la fatiga aplastante, del hambre engañada.”¹⁹

Essa radiografia, sem retoques, e relatada em tantas outras passagens literárias, credita maior verossimilhança à narrativa de um emigrante que a protagonizou, demonstrando que a fome não era apenas o enredo (ficcional?) de um romance de época. Ela continuava habitando, nas lembranças rememoradas, o cotidiano das pessoas que dela conseguiram escapar:

“Lá na Espanha, meu pai contava que tinha gente que trabalhava hoje pr’a comer o pão amanhã; trabalhava, às vezes, a troco de um pão...; era muita pobreza (...). Tinha gente que tava mais remediadinho, né?! Diz (o pai) que tinha dois vizinhos lá no pueblo, casou a filha de um, que estava mais remediado, e os outros, coitados, que não tinham jantado naquela noite, foram dormir sem janta - também não tinha com quê, né? -, e aquele que foi dormir sem janta tava devendo um dinheiro pr’o outro que tinha casado a filha, tinha uma terrinha, (diferente) do outro que trabalhava por dia, jornalero como fala espanhol, trabalhava o dia inteiro pr’a comer no outro dia. Então, diz que foram dormir sem janta, e então diz que bateram na porta, e ele pensou: tenho certeza que vieram trazer janta pr’a nós, de certo, que sobrou do casamento. Diz que foi até a porta, abriu e o outro disse: ó, vim ver se o senhor me arruma metade do que me deve!; Ele respondeu: ai, mi hombre, estamos sem janta, porque não tenho nem para comer. O outro disse: não

¹⁸ Lebrillo: terrina.

¹⁹ IBAÑEZ, Vicente Blasco. *La bodega*. Valencia: Prometeo, 1919 [1904], p. 104-106.

tenho nada com isso, preciso do que está me devendo! . Meu pai via que na Espanha era muita pobreza."²⁰

Entre 1860 e 1920 a população *jornalera* havia aumentado em termos relativos, passando de 17 a 18% da população total; os níveis salariais, estipulados entre 1,40 e 1,80 pesetas por dia, apesar disto, apresentaram aumento em 417 dos 700 municípios, conforme um informe oficial de 1905, provavelmente resultante da ação sindical.

No entanto, a despeito das melhorias salariais, o custo de vida vinha sofrendo contínuas altas, e provocando desemprego. Bernal²¹ sustenta que a condição de vida *jornalera* era bem pior que a dos pequenos proprietários, e que, portanto, aqueles teriam muito mais necessidade de emigrar. No entanto, como é de se imaginar, a maioria deles sequer dispunha das condições mínimas para tal. Emigrar, assim, não era uma opção para todos. Mesmo contando com o subsídio da passagem, isto envolvia uma série de providências e gastos, consigo e com sua família, a que nem todos podiam arcar.

Apesar disso, o fator central que parece ter impulsionado a emigração, parece residir naquilo que Sanchez-Albornoz²² denomina de crise de subsistência, ou miséria institucionalizada, que se abateu sobre o campesinato andaluz de finais do século XIX, entendendo-se por isto a falta de trabalho continuado, os baixos salários e as condições desfavoráveis e díspares do sistema tributário com relação ao pequeno proprietário.

Outra das razões que impelia famílias inteiras a deixarem para trás seu pequeno *pueblo*, vender seus poucos pertences ou deixá-los com algum parente ou amigo, consignados em troca de algum montante em dinheiro, pode ser identificada no medo de que seus filhos fossem convocados para as guerras, recurso utilizado pelo governo espanhol na tentativa de salvar suas últimas colônias ultramarinas - Porto Rico, Filipinas e, sobretudo, Cuba, de maior interesse econômico.

Havia, ainda, a questão do Marrocos. Desde 1909, a Espanha havia implementado a sua ocupação militar, conforme acordo realizado com a França, fixando as respectivas zonas de protetorado. O principal objetivo era garantir a exploração das minas de ferro próximas a Melilla; choques com os marroquies eram freqüentes, como o ocorrido em 1893, durante as obras de fortificação de Melilla, consoante com a desconcertante política do Governo espanhol na África,

²⁰ Fragmento do depoimento de D. Teodora Dias, 75 anos, prestado a autora no ano de 1980. Seu pai, extremenho de Cáceres, chegara ao Brasil em 1905 (ano em que ela nasceria), dirigindo-se para Bebedouro, como colono em uma fazenda de café (para outros depoimentos dos emigrantes, ver CANOVAS, Marília. Os espanhóis de Villa Novaes e suas narrativas. *Travessia - Revista do Migrante*, São Paulo, Gráfica e Editora Peres Ltda., ano XVII, n. 49, mai./ago. 2004, p. 31-39).

²¹ BERNAL, Antonio M. La emigración de Andalucía. In: ALBORNÓZ, N. Sánchez (comp.). *Espanoles hacia América: la emigración en masa, 1880-1930*. Madrid: Alianza Editorial, 1988, p. 156.

²² ALBORNÓZ, N. Sánchez. *España hace un siglo: una economía dual*. Barcelona: Península, 1968. ALBORNÓZ, N. Sánchez. *Los precios agrícolas durante la segunda mitad del siglo XIX*. Madrid: Banco de España, 1975 (apud Bernal, 1988: 154).

o que vai se constituir motivo de constante polêmica entre os oficiais, muitos dos quais propunham o abandono de Marrocos.

Tanto as guerras coloniais na América, quanto a guerra do Marrocos, a mais longa (de 1909 a 1927), representaram uma motivação para a emigração das famílias, tentando evitar que seus filhos fossem enviados para as frentes de batalha.

A deserção ao serviço militar, aliás, consistirá na principal preocupação do governo espanhol e único fator restritivo às emigrações, até as primeiras décadas do século XX.

“(...) a guerra em Cuba e em Melilla (Marrocos). Todas as semanas partiam para a América e África centenas de moços, imberbes muitos deles. Nas docas do porto nas plataformas da estação podiam-se ver cenas dilaceradoras. A Guarda Civil tinha muitas vezes de abrir fogo contra as mães que tentavam impedir o transporte de tropas, retendo os braços nas amarras ou bloqueando a passagem das locomotivas. Daquelas centenas de milhares de jovens que partiam para a frente muito poucos haveriam de voltar, e ainda assim, mutilados ou gravemente doentes.”²³

“Desse modo perdemos as últimas colônias (...) e agora nos encontramos com os portos transbordando de repatriados. Diariamente chegavam, com efeito, barcos que traziam para a Espanha os sobreviventes das guerras de Cuba e das Filipinas. Haviam combatido durante anos nas selvas apodrecidas e embora fossem muito jovens já pareciam velhos. Quase todos voltavam doentes de febres tersãs. Seus familiares não queriam acolhê-los por medo do contágio e tampouco encontravam trabalho ou algum meio de subsistência. Eram tantos que até para pedir esmola tinham que fazer fila. As pessoas não lhes davam nem um centavo: vocês deixaram que pisoteassem a honra da pátria e ainda têm a desfaçatez de vir inspirar compaixão, diziam-lhes. Muitos se deixavam morrer de inanição pelas esquinas, já sem ânimo para nada.”²⁴

Seu êxodo, assim, provocado pela fome, pelo medo das convocações militares e pela descrença nos rumos do país, se dava majoritariamente em famílias, requisito básico para que se lhes outorgasse o subsídio da passagem para a travessia, concedido pelo governo paulista.

Nas décadas de 1900-1920, a emigração andaluza parece adquirir corpo e atuar de maneira uniforme por quase toda a região; estima-se que 10% de toda a população espanhola tenha emigrado entre 1901-11, e destes, 80% seriam camponeses, sobretudo das zonas tipicamente minifundiárias.

Que indicadores nos revelam tais dados?

Em primeiro lugar, cronologicamente, indicam o caráter de fenômeno tardio dessa imigração quando comparado à italiana, por exemplo, o que também reforça

²³ MENDOZA, E. *A cidade dos prodígios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 156.

²⁴ MENDOZA, *A cidade...*, p. 187.

algumas hipóteses calcadas em investigações mais recentes, segundo as quais o contingente potencial à emigração se compunha majoritariamente de pequenos proprietários - e não de *jornaleros*, como poderia se supor -, tese esta que se sustenta na observação dos coeficientes de imigração na Andaluzia, que comprovam, no período imediatamente anterior ao das grandes emigrações, a ocorrência de um remanejamento a nível provincial, isto é, uma mobilidade populacional, sobretudo no período imediatamente anterior ao das emigrações em massa, das zonas tipicamente minifundiárias para aquelas onde predominavam os latifúndios²⁵.

De qualquer modo, é possível identificar, neste fluxo, os momentos mais relevantes: em primeiro lugar, e coincidindo com a praga da filoxera na Andaluzia Oriental, consta que as primeiras levas dirigiram-se para a Argentina, por volta do ano de 1870.

Já sob eixos de massividade, a primeira década do século XX, especialmente os anos de 1905-1906, alcançou um volume de entradas até então inédito para o Brasil, que se suplantaria na década seguinte, pelo montante dos fluxos contabilizados para os anos de 1912-1913. Esses seriam os dois principais marcos cronológicos da entrada de imigrantes espanhóis no Estado de São Paulo.

Por que para o Brasil, ou melhor, por que para São Paulo?

O Brasil jamais representou o destino preferencial desse imigrante. A ele conviria, até por questões de idioma, dirigir-se à Argentina ou ao Uruguai, países que, tal como o Brasil nesse período, procuravam atrair mão-de-obra europeia.

No entanto, o Brasil acenava com uma facilidade que não era ofertada pelos outros países - o subsídio -, o qual também podia ser utilizado, como consta ter ocorrido, para finalmente se atingir o destino desejado.

Informes da Secretaria da Agricultura dão conta de que muitos espanhóis utilizavam-se do subsídio para, uma vez em São Paulo, e alegando terem sido enganados quanto ao destino, solicitarem uma passagem para o Estado do Rio Grande do Sul. Tal procedimento, de tão freqüente, alertou os funcionários de que eles, na verdade, estavam tentando apenas atingir os dois países do Prata, a Argentina e o Uruguai e, a partir de então, tais passagens passaram a ser negadas.

O ciclo do café representou um marco na economia brasileira. De reconhecida importância, sob vários aspectos. Na Província de São Paulo, por exemplo, ele foi o responsável, até 1930, por mais da metade dos ingressos provinciais.

Era preciso, no entanto, irrigar constantemente sua cultura intensiva com mão-de-obra farta. Esse foi o principal foco da política imigratória brasileira desse período: suprir as fazendas que rasgavam o interior da Província/Estado com imigrantes constituídos em famílias, o que, conforme sua ótica, evitaria, entre outras

²⁵ Em seu trabalho *Despoblación y repoblación de España* (Madrid, 1929), M. Fuentes (*apud* Bernal, 1988: 150 e ss.) apresenta diversos quadros estatísticos dos movimentos populacionais internos da Andaluzia, através dos quais tenta comprovar a tese do deslocamento havido das zonas de minifúndio para as de latifúndio (sobretudo Jaén, Córdoba, Sevilha, Cádiz e Huelva) observado na fase anterior das emigrações em massa.

coisas, que se deslocassem com mais freqüência, de fazenda a fazenda em busca de melhores contratos.

Nossos fazendeiros eram, igualmente, os próprios governantes neste período, e, como tal, nesta conjugação de interesses, utilizavam-se da máquina estatal para uma agressiva política imigratória “oficial” de arregimentação em larga escala, cuja oferta crescente lhes garantiria maior barganha nos contratos.

“Até a última década (do século passado) os grandes fazendeiros foram os dirigentes de São Paulo. O interesse coletivo confundia-se com os interesses de classe. Os problemas de mão-de-obra, de povoamento, das vias de comunicação foram considerados e tratados acima de tudo em função dos interesses dos fazendeiros.”²⁶

Tal política imigratória assentava-se sobre alguns pilares, sendo o principal deles, o subsídio à passagem do candidato à emigração.

Por outro lado, a Lei nº 673, de 9 de setembro de 1899, previa outras facilidades ao imigrante subsidiado: o desembarque à sua chegada no porto de Santos, e o transporte até a Hospedaria dos Imigrantes às custas do Estado; o sustento e o alojamento na Hospedaria durante os oito primeiros dias após a chegada; colocação por intermédio da Agência Oficial 27 e transporte da Hospedaria até a estação de trem mais próxima à fazenda.

“(Esta) opção significou o emprego de enormes verbas, canalizadas através do Estado, para a importação de braços, transformados em mão-de-obra barata para a acumulação do capital cafeeiro. Entre 1881 e 1917, os gastos com imigração feitos pelo Tesouro Nacional somaram 137 219 379\$465. Esta cifra refere-se a verbas despendidas em todas as unidades do País, da qual, como se sabe, São Paulo recebeu grande

²⁶ MONBEIG, Pierre. *Le pionniers et planteurs de São Paulo*. Paris, 1952, p.123-124 [apud MERTZIG, Lia R. L. *As dificuldades de adaptação do imigrante no Estado de São Paulo: repatriação e reemigração, 1889-1920*. São Paulo: FFLCH-USP, 1977, p. 47 (Dissertação de Mestrado)].

²⁷ A partir da primeira década do século criaram-se alguns organismos com a finalidade de assistir o imigrante e proteger o trabalhador rural. Aparece, assim, em 1906, a Organização de Colocação e Trabalho (mais tarde Agência Oficial de Colocação), anexa à Hospedaria, que deveria disciplinar o mercado de trabalho e os contratos que eram executados. É de 1907 a criação da Inspeção da Imigração do Porto de Santos, para recepcionar os imigrantes e de 1911 o Patronato Agrícola que tinha como finalidade “tornar efetivas as leis decretadas pela União Federal e pelo Estado de S. Paulo em favor do imigrante e outros operários agrícolas”. O Patronato deveria oferecer assistência jurídica gratuita aos colonos a fim de conseguirem o cumprimento dos contratos de trabalho; deveria, ainda, levar às autoridades competentes as queixas dos imigrantes a respeito de atentados contra sua honra, vida e bens. Em 1911, tentativas de institucionalizar os serviços de imigração e de trabalho culminaram com a criação do DET - Departamento Estadual do Trabalho, que englobava a Inspeção de Imigração no porto de Santos, a Hospedaria dos Imigrantes e a Agência Oficial de Colocação (cf. PETRONE, Maria Theresa S. *Imigração*. In: HOLLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil Republicano*. vol. 2, tomo III. São Paulo: Difel, 1978, p. 113-114).

parcela. Ademais, é preciso acrescentar os gastos provenientes do governo de São Paulo, que, no mesmo período, somaram cerca de 92 000 000\$000.”²⁸

“Estatísticas dão conta da adequada ‘performance’ do Poder Público no programa de imigração subvencionada, em sua tarefa de abastecer as lavouras cafeeiras paulistas de um contingente de força de trabalho sempre superior à demanda, durante vários anos. Estimativas feitas por Holloway apontam que, no período 1894-1914, o volume de imigrantes que afluíram para as áreas do café era praticamente o dobro do que seria necessário para o trabalho naquelas, equivalendo esse excedente a cerca de 300.000 pessoas. Também Hall, baseando-se em dados de produção e de produtividade do trabalho, com referência ao período 1910-1914, estima que cerca de 300.000 trabalhadores seriam necessários para cuidar e colher o café já plantado, sendo que, até esse período, já haviam entrado cerca de 750.000, a maioria dos quais destinados às áreas cafeeiras de S.Paulo.”²⁹

Os fazendeiros, no entanto, possuíam muitos aliados nesta empreitada, a iniciar pelos “*ganchos*”, assim denominados os agentes de emigração contratados pelas companhias de navegação ou pelos próprios governos dos países receptores, que percorriam os *pueblos* tentando persuadir as pessoas do campo das vantagens da emigração, além de facilitar-lhes os trâmites para a obtenção da documentação e até mesmo a sua falsificação.

Muitos encareciam os preços das passagens e outros ainda ofereciam empréstimos com juros elevados, pelos quais sugeriam a hipoteca de alguns bens a seu favor. Atuavam como *ganchos* desde secretários das prefeituras e juizados locais, farmacêuticos, comerciantes e até párocos, ou qualquer indivíduo que fosse bem relacionado. Muitos eram proprietários das pensões próximas aos portos de embarque, que exploravam aqueles que, chegados dos *pueblos*, aguardavam a data de saída do navio. Consta que receberiam de 5 a 10 libras por cada candidato que convenciam e que enviavam para o porto de embarque.

Sua atuação sempre foi contestada. Vendiam ao candidato uma imagem de país que ele jamais encontraria - que, aliás, eles próprios desconheciam -, e a ilusão do enriquecimento e da possibilidade de fácil acesso à propriedade agrária.

“Ganhar dinheiro! Viemos naquela fé que Brasil era só juntar dinheiro, né? Mas todo mundo veio enganado, chegavam aí, chegavam nas fazendas que não tinha nem estrangeiro, era aquela brasileira, negros, né?!...; uma comida tudo diferente, arroz, feijão, mandioca, essa

²⁸ BOLETIM DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DO TRABALHO. São Paulo, ano VII; n. 34/35, 1919, p. 340, p. 342 e p. 343 (apud KOWARICK, L. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 100).

²⁹ SPINDEL, Cheywa R. *Homens e máquinas na transição de uma economia cafeeira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 94 (citando Holloway, 1974, p. 249-258 e Hall, 1969, p. 165-166).

coisarada que lá não tem; lá tem também, mas não diário que nem aqui. E serviço... tudo diferente: carpir café com enxada, apanhar café, abanar café... ; e a pessoa sofre, né?”³⁰

Comparativamente às demais nacionalidades, temos o seguinte quadro, abaixo (Quadro I), que nos fornece a exata dimensão do volume de mão-de-obra que ingressou no Estado de São Paulo, nos anos de 1885 a 1929, tendo como destino prioritário as fazendas de café de seu interior. Interessante notar as três principais correntes - italianos, espanhóis e portugueses -, e como os espanhóis sucederam cronologicamente aos italianos, credenciando a hipótese que relaciona a falta de oportunidades reclamada por aqueles ao caráter tardio de seu ingresso.

QUADRO I
DISCRIMINAÇÃO POR QÜINQÜÊNIOS, DAS PRINCIPAIS
NACIONALIDADES ENTRADAS NO ESTADO DE SÃO PAULO
ANOS 1885-1929

PERÍODO	TOTAL	ITALIANOS	PORTUGUESES	ESPAANHÓIS	JAPONESES	DIVERSOS
1885-1889	167.664	137.367	18.486	4.843	---	6.968
1890-1894	319.732	210.910	30.752	42.316	---	20.899
1895-1899	415.253	219.333	28.259	44.678	---	11.305
1900-1904	171.295	111.039	18.530	18.842	---	11.191
1905-1909	196.539	63.595	38.567	69.682	825	23.870
1910-1914	362.898	88.692	111.491	108.154	14.465	40.096
1915-1919	83.684	17.142	21.191	27.172	12.649	5.530
1920-1924	197.312	45.306	48.200	36.502	6.591	60.713
1925-1929	289.941	29.472	65.166	27.312	50.573	17.418

Fonte: HOSPEDARIA DOS IMIGRANTES. *Imigrantes estrangeiros entrados no Estado de S. Paulo - Período 1885/1961. Discriminação por quinquênios, das principais nacionalidades entradas no Estado, em três quartos de século de existência da Hospedaria “Visconde de Parnaíba”*. São Paulo, 1978, s/n.

Fazer a América! E nessa ilusão vieram levas e mais levas de imigrantes oriundos da Espanha. Até 1930, 75% do total ingressado destinava-se à Província/ Estado de São Paulo e, de conformidade com o Recenseamento Nacional de 1920, oito a cada dez espanhóis residiam nas zonas cafeeiras de seu interior. Seu montante percentual diante das demais correntes é objeto do Quadro II, a seguir:

³⁰ Fragmento de depoimento do Sr. Ildefonso Blasquez Sanchez, 84 anos, consignado à autora em 1980, em Vila Novaes, localidade próximo a Catanduva. Seu Ildefonso chegara ao Brasil em 1905, acompanhando sua família aos nove anos de idade, procedente de Cáceres, na Extremadura.

QUADRO II
IMIGRANTES ESPANHÓIS ENTRADOS NO ESTADO DE S. PAULO
1885-1929

PERÍODO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM SOBRE AS OUTRAS PROCEDÊNCIAS ³¹
1885-1889	4.834	2,88%
1890-1894	42.316	13,23%
1895-1899	44.678	10,76%
1900-1904	18.842	10,99%
1905-1909	69.682	35,45%
1910-1914	108.154	29,80%
1915-1919	27.172	32,47%
1920-1924	36.502	18,50%
1925-1929	27.312	9,42%
TOTAL	379.492	17,21%

Fonte: RELATÓRIOS DA SECRETARIA DA AGRICULTURA.
Imigrantes estrangeiros entrados no Estado de S. Paulo - Período 1885/1961.

Por razões diversas, a essa expressividade numérica parece não corresponder, ainda hoje, um número equivalente de investigações, se compararmos aos trabalhos multidisciplinares que foram destinados ao imigrante italiano, por exemplo, mas também aos japoneses, alemães, sírio-libaneses e outros contingentes minoritários.

Esta constatação já era recorrente, quando, nos inícios da década de oitenta do século passado, após longa peregrinação por diversos locais e acervos, na tentativa de rastrear a presença de vestígios da passagem desse contingente migratório pelo Estado de São Paulo, foi-nos sugerida como uma possibilidade a localidade de Villa Novaes, próxima à cidade de Catanduva, no Oeste Paulista, por haver concentrado em sua ocupação inicial, grande número de famílias espanholas que para lá haviam ocorrido, nas primeiras décadas, atraídas pela possibilidade de adquirir seu quinhão de terra. Lá existiriam, segundo o informante, remanescentes (ainda) de primeira geração e seus descendentes, cujas histórias lhe eram familiares e próximas, já que sua mãe fora parteira no local por várias décadas³².

³¹ Consideramos aqui somente aquelas de maior importância para o período, como os italianos e os portugueses, até 1905-1909, e, a partir de 1910-1914, também os japoneses.

³² D. Olga Birolli González, residente à época em Catanduva, teria realizado cerca de 2.000 partos na vila. Devemos a ela, pessoa respeitada na comunidade, a acolhida favorável que tivemos em Villa Novaes.

Lá chegando, depois de algumas escalas e parada obrigatória em Catanduva - Villa Novaes, à época não dispunha sequer de uma linha regular de transporte coletivo -, tivemos novo impacto. A pequena vila não possuía biblioteca ou arquivo, menos ainda um museu, e as informações iniciais acerca da possibilidade da existência de qualquer documentação que pudesse subsidiar uma investigação eram díspares.

Havia, no entanto, as pessoas remanescentes da “colônia”, de quem procuramos nos acerrar. A partir dos primeiros contatos, e depois, nas longas conversas embaladas pelas histórias e narrativas pessoais carregadas de lembranças de seu país, da viagem, da chegada ao Brasil, das fazendas por onde passaram, das dificuldades e desapontamentos inerentes ao processo que vivenciaram, foram longos os momentos de rememoração, que, por outro lado, nos davam a sensação de estarmos no lugar certo.

Para muitos deles, a influência do meio e as relações interpessoais e grupais havia criado uma fala peculiar, um espanhol aportuguesado por elementos locais, que, todavia, conservava um *acento* - sotaque - marcadamente espanhol na forma de narrar e na construção dos períodos e das frases.

De todo modo, aquelas narrativas, mergulhadas na trajetória singular de que tinham sido protagonistas, começaram a ganhar corpo e nexos, emoldurando um quadro referencial que incitava nosso interesse pela investigação, mesmo que essa ainda se revelasse inexequível.

Simultaneamente, íamos checando suas indicações de locais que poderiam conservar documentos da época que remontava à sua chegada no local. Museus, arquivos, bibliotecas, casas de cultura, prefeituras, câmaras municipais, foram rigorosamente mapeados e consultados todos aqueles ainda existentes nos municípios a quem Villa Novaes, nos estágios iniciais de sua ocupação vinculava-se administrativamente - antes mesmo de receber essa denominação -, e a quem depois pertencera como distrito³³.

Dentre os documentos localizados nestes vários locais, muitos fragmentos de História, de vários matizes e épocas e que podiam, quando muito, contribuir aqui e ali como um dado, uma informação a mais. Nada com sustância suficiente para evocar e ilustrar o processo que pretendíamos examinar.

Neste ínterim, entretanto, continuávamos a nos reunir com a colônia e, cada vez mais, a interessar-nos por montar o xadrez de seus relatos; percebíamos, também, crescer seu interesse, revelando-nos informações, possibilidades, pistas, estratégias e indicações de toda ordem.

³³ Villa Novaes aparecerá oficialmente como distrito apenas em 1925, pertencendo ao Município de Jaboticabal a quem se filiará até 1935; depois, passará a se reportar a Catanduva, de 1935 a 1938 e, finalmente, a Tabapuã, de 1938 a 1997, quando passa a município. Nos primórdios de sua ocupação, São Sebastião do Turvo, depois Irupy, era o Distrito de Paz que congregava toda uma vasta região inicialmente constituída por mata virgem e propriedades agrárias esparsas, que, paulatinamente desmembradas, resultaram em novas denominações de sítios e fazendas, depois povoados e vilas, dentre as quais a depois denominada Villa Novaes, umas das células iniciais.

Foi quando, finalmente, nossa atenção foi despertada para os volumes dispostos no pequeno cartório de Villa Novaes - de propriedade de um descendente de espanhóis, Sr. Paschoal Blasquez Sanchez -, que nos franqueou a consulta a seus inúmeros livros de registros, dos quais, de todo mudo, constavam apenas os efetuados a partir do momento em que Villa Novaes transformara-se em distrito, ou seja, a partir de 1925.

A série anterior a 1925, depois localizada, e remontando ao ano de 1900, encontrava-se conservada no Cartório do Município de Paraíso e fora recolhida de dois distritos anteriores: o de São Sebastião do Turvo, localidade extinta por uma epidemia, sucedido depois pelo de Irupy, que passou a concentrar o registro das ocorrências civis dos habitantes daquela boca de sertão³⁴.

Esta e outras descobertas documentais acabaram por assegurar a possibilidade de uma investigação, que, anos depois, acabou redundando em nossa Dissertação de Mestrado³⁵.

Contudo, o diferencial, inédito e valoroso nessa trajetória, pode ser atribuído à participação dos emigrantes na sua elaboração. Lentamente fomos percebendo o privilégio que se nos afigurava a prerrogativa da exploração do patrimônio oral representado por aqueles personagens-vetores de História. Eles eram, afinal, o objeto que se transmutara em sujeito, numa rara combinação. Aquele grupo havia efetivamente partilhado de uma experiência singular, que buscávamos reconstruir.

Muitos deles, de idade avançada, pertenciam à primeira geração de emigrados e haviam protagonizado o processo que nos empenhávamos em investigar. Assim, se a sua trajetória concreta e formal no país de destino estava inscrita naqueles livros cartoriais, por que não recuperá-la numa reelaboração com as narrativas, procedimento que permitiria a apropriação de outras faces que dificilmente poderiam ser apreendidas pela História oficial?

Surgiu, então, a idéia de (também) utilizar seus relatos, e de forma sistemática, como uma oportunidade ímpar de apreender as diversas manifestações de sua identidade individual e grupal, de identificar a sua consciência quanto ao processo a que se viram submetidos, e de, enfim, captar que imagem esse imigrante forjara de si mesmo³⁶.

Dada a extensão do material oral coletado juntos aos espanhóis de Villa Novaes, destacamos para a oportunidade fragmentos das falas de três dos narradores - Sr. Ildefonso Blasquez Sanchez, D. Teodora Diaz e Sr. Tercifon Cabrera -, acreditando que das histórias extraordinárias destes emigrantes obscuros transpira um dos capítulos mais expressivos e vigorosos de nossa História Social.

³⁴ Os 18 livros cartoriais de Registro de Nascimento e os 33 livros de Escrituras e Testamentos pertencentes aos dois Cartórios, por nós microfilmados na íntegra, geraram 11.000 fotogramas distribuídos em 18 rolos de microfilmes, hoje disponíveis no CAPH - Centro de Apoio à Pesquisa em História, do Departamento de História da USP.

³⁵ CANOVAS, Marília. *A Emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930*. São Paulo: FFLCH-USP, 2001 (399 p.). Livro no prelo. A dissertação encontra-se disponível no Portal do Saber da USP (<http://www.saber.usp.br>), catalogada por título, autor e palavras-chave.

³⁶ A íntegra dos depoimentos prestados à autora encontra-se em anexo à dissertação, em disquete. Fragmentos deles, no entanto, estão transcritos no texto.

Os narradores e suas histórias

“Cada ser humano é um abismo e a gente tem vertigens quando se debruça sobre um deles”.

Georg Büchner, Woyseck, 1944.

A ESPANHA

“(...) Eu vou dizer para a senhora, nós saímos da Espanha porque o povo tinha aquela agonia de ganhar e nós, do jeito que tava lá, meu pai era pobre (...) eu tinha nove anos quando nós viemos, nós não precisava de vir pra trabalhar de empregado aqui, porque meu pai tinha um terreninho, uma casa pra morar, ganhava pra comer(...).”

“(...) Ele plantava roça, trigo, grão de bico, cevada, batata; tinha um pedacinho de terra que tinha oliveira dando fruta, tinha um pedaço de uva dando, um terreninho pra plantar cebola, alho, tinha pêra, tinha maçã, figo, né. E ele trabalhava todo ano, plantava roça, terreno lá dos ricos, eles davam aquele terreno a 20% da produção e o pai plantava lá todo ano. E podia levar lenha, podia ter criação lá, no campo, tudo isso. Criação não pagava nada.”

A CHEGADA AO BRASIL

“(...) Nós ficamos num hotel, e de lá pegamos um trem e viemos para Bebedouro. Era uma casa de imigrantes, ficamos lá dois ou três dias, por conta do Governo, acho que era na Hospedaria. Tratava a gente como animal, passava até fome lá.”

“(...) Passava fome, quem tinha dinheiro ainda comprava qualquer coisa lá, uma bolacha, uma coisa, mas quem não tinha (...).”

“(...) Teve muito pessoal que nós ficamos aqueles três dias lá, que dormia no chão, assim, não tinha nem um colchão onde dormir. (Era) tudo largado.”³⁷

A(S) FAZENDA(S) DE CAFÉ, O COLONATO, A AQUISIÇÃO DO SÍTIO, OS BRASILEIROS

“(...) Meu pai veio na fazenda de um tal Querubim Franco em Bebedouro, nas redondezas de Bebedouro, nove meses trabalhou lá, colhendo a colheita de café, chegou fora de tempo já. E trabalhou lá nove meses. E nesses nove meses, aos oito dias, eu nasci, que ele estava

³⁷ Sr. Ildfonso Blasquez Sanchez. Aos 84 anos, era o mais idoso - também o mais eloquente e crítico -, dos imigrantes a narrar sua trajetória. Chegara ao Brasil aos nove anos, em 1905, com sua família, procedente de Cáceres, na Extremadura.

lá, que chegou da Espanha, e já vim com nove meses para a outra fazenda. Lá teve quatro anos na outra fazenda. Já lembro de tudo naquela fazenda.”

“(...) Ele (referindo-se a seu pai) foi trabalhar lá na Fazenda do Otaviano Ferraz, cunhado de Querubim Franco, lá perto de Bebedouro; lá fez quatro anos. Café já formado, só trabalhar e colher... secar no terreno.”

“(...) Mas era muita espanholada lá... tem alguns aqui, os Cantarera... ihhh... muita espanholada, lembro quase de todos lá, que trabalhavam naquela fazenda né, e lá, meu pai, eu já lembro, quando meu pai ia receber o pagamento, todo sábado, eu ia com ele.”

“(...) Antigamente era assim; meu pai pegava a cadernetinha, disse me alembro, ia com ele, uma franguinha atrás dele, eu lembro que o patrão estava deitado naqueles tempos, né, numa rede, parece que estou vendo, olha, com quatro anos, que não tinha cinco anos ainda eu; ele levantava, ia numa mesinha, escrevia, escrevia, dava a cadernetinha pro meu pai. Era perto, não era alijado; casa de fazenda era um pouquinho longe da colônia, mas era uma coloniada lá, tudo espanhol, quase tudo espanhol. E ali foram juntando ali, naquela fazenda e outra que tava lá, perto lá, de um tal de Passa Quatro, fazendeiro, era médico, também lá muita espanholada, naquele ano vinha muita espanholada da Espanha porque na Espanha era muito difícil pra ganhar pra comer, muito pobre, muita pobreza, né?”

“(...) Ele pegou um café de meia, e quando fazia dois anos que estava trabalhando naquele café, tirou 600 sacos de café, 300 pr’o patrão, 300 p’ra ele, e lá ele foi e vendeu o saco de café a \$10.000 réis; daí, ganhou pra comprar um sitinho. Comprou um sitinho, aqui no Córrego do Matão, 25 alqueires, pagou 3\$500 contos, com escritura, talão de cisa e tudo; eu tava com sete anos, 1913, então (...).”

“(...) Meu pai cercou tudo, limpou, roçou, queimou, depois plantou para formar o pasto que era tudo sarogo. E o que era de roça, o que vendeu pr’a nós aquela terra, quem vendeu pr’a nós, o que era de roça, 15 alqueires, ele comprou d’uma viúva, a troco de um cavalo e um garrafão de pinga! D’uma viúva, 15 alqueires, deu um garrafão de pinga pr’a ela e um cavalo velho!”

“(O vendedor) morava numa tapera, tapera de chão, as paredes de coqueiro. Tinha aquela tapera largada, os porcos entrava por um lado, saía por outro, e pousava lá de noite; meu pai ia com as irmãs, foram e limparam e encheram de terra, arrumaram para a gente poder entrar lá.”

“(…) *Aí, quando eu tinha uns vinte anos, não acabei de contar para a senhora, ele queria vender o sítio, ir para a Espanha. Sabe quanto davam no sítio? 100\$000 conto. Nossa Senhora! O finado meu pai disse que com esse 100\$000 conto lá na Espanha ele era o mais rico do pueblo, ele falava assim pr’a nós (...): ‘Olha, pai, não me interessa, não quero saber da Espanha’.*”³⁸

“(…) *(Meu pai não tinha) ninguém conhecido. Veio pra Fazenda Dona Luisa, em Monte Azul. Empregado da fazenda, sete anos. Toda a família. É que o fazendeiro foi e pegou ele lá no porto (em Santos) e trouxeram. Veio sete famílias, sete famílias viveram sete anos lá. Guardaram um conto e quinhentos no fim de sete anos. E as sete famílias de lá vendendo ovos a \$200 réis a dúzia do ovo, dava um conto e quinhentos. Depois de sete anos, juntaram umas sessenta famílias! Tudo espanhol e italiano.*”

“(…) *Só tratar (café). Podia plantar mantimentos e ter galinha e vender ovo.*”

“(…) *Na Espanha não tinha aquele sino, como que de uma igreja, tocava às três horas da manhã. Três horas pra mãe levantar e fazer café. E às seis horas tornava tocar outra vez pr’a nós tomar café e comer alguma coisa. E minha mãe que fazia tudo.*”

“(…) *Com aquele 1\$500 conto, ele comprou dez alqueires (...) a primeira compra, 1912, do finado Inocêncio Perez. E depois comprou oito alqueires com o cunhado dele. Aqui, nós compramos catorze alqueires (bem depois).*

“(…) *Nós entramos com a mudança tudo junto, sete famílias!*”

“(…) *Aqui, pr’a ir fazer compra...; a senhora conhece Catanduva? Tinha quatro casas! Hoje Catanduva é boa! Naquele tempo não era Catanduva, era Serradinho E depois passou para Vila Adolfo. Catanduva passou por três nomes; agora não mudou mais já faz cinqüenta anos.*”

“(…) *Naquele tempo nós levamos dois dias de viagem. Carro de boi. Primeiro não tinha nada (referindo-se aos móveis), tinha um banco de pau... um banco à toa, não tinha nada. Guarda-roupa, (risos) guarda-roupa eu só tive o primeiro quando casou o meu filho José.*”

³⁸ D. Teodora Dias. D. Teodora, então com 75 anos, nascera no Brasil. Seu pai, Isaac Diaz Bote, natural de Cáceres, na Extremadura (como a família de Seu Ildefonso), havia chegado ao Brasil, pela primeira vez em 1899, deixando seus bens - “alguma terra e duas casas”-, com parentes. Depois de uma passagem de seis anos por uma fazenda em Ribeirão Preto, resolvera retornar à Espanha, onde faleceu sua primeira esposa, deixando-lhe três filhos. Então, lá mesmo, casa-se novamente, com D. Manuela, que viria a ser a mãe de D. Teodora; resolve voltar ao Brasil “porque lá era tudo muito difícil, muito pobre” e aqui chegou em 1905, ano do nascimento de D. Teodora.

“Era puro mato! Daqui a Catanduva, era tudo puro mato! Puro mato, daqui a Tabapuã, conhece Tabapuã?”

“(Fomos morar) debaixo de uma árvore! (A casa) demorou dois meses! Não tinha serraria pr’a serrar madeira, quer dizer que, assim ... põe um pau pregado do lado de cá, outro de lá..., lascas, assim e pronto... assim ... (demonstrando).”³⁹

(Os brasileiros):

“(...) Esse era espanhol, mas o resto que morava aqui (em Vila Novaes) era tudo brasileiro. Tinha alguns, na beira deste Córrego aí, num ranchinho de sapé. Ihh... quase todos eles tinham terreno, não plantavam, não trabalhavam, era só caçar e pescar, não cuidavam de nada, mas tinha uma porção deles por aí, mas não tinham o que comer, todos eles tinham terreno, o que comer não tinham... Não, não plantavam nada...; abriam um pedaço em volta da casa, plantavam uns pés de milho, umas abóboras, uns quiabos e uns pés de mandioca e iam passando com aquilo...; caçar, matar um bicho no mato para comer (...).”⁴⁰

IMPRESSÕES GERAIS

“(Escola): ... nós era burro, era moleque e era burro... Porque não sabia ler nem escrever, isso aí. Meus pais também não sabia nada! Ninguém sabia nada! Era tudo burro! Então, veio um homem lá de Santa Adélia que sabia leitura, era um tal Juan, era espanhol. Ele veio porque a gente ia dar serviço pr’a ele, pr’a trabalhar. Sozinho, veio para ver se dava serviço, para trazer a família pr’a morar. Pai disse: eu dou, três alqueires, tudo de lá é teu, por seis anos... Com o trato de nós fazer aula..., seis anos pr’a estudar, ali... Si, ler, escrever, fazer conta, tudo! Ele disse: Eu pego. (...) A família foi aqui, então, juntou sessenta alunos. Tudo da família da gente. Aí, ele deu o curso de meio ano. Dava das seis da manhã, até às nove para os pequenos. É, quando eram os grandes era das sete da tarde até as nove da noite, já virou o horário, porque a gente tinha que trabalhar na roça... então, a gente trabalhava até uma hora dessas, janta e já vai... Aí ele fez dois horários.”⁴¹

“(Registros, batismos, cartórios): Aqui quando nascia criança no começo, aqui no Córrego Grande, tinha o tal Ramón Sanchez ,

³⁹ Sr. Tercifon Cabrera. Aos 76 anos, residia desde 1912 em Córrego Seco, arredores de Villa Novaes. Ali, seu pai comprara com a poupança amealhada em sete anos de trabalho como colono em uma fazenda de Monte Azul, a primeira propriedade da família, de 10 alqueires.

⁴⁰ Fragmento de depoimento. Sr. Ildfonso Blasquez Sanchez, citado.

espanhol, homem rico com muito nome, então, parece que a cada dois, três meses vinha o padre, de Jaboticabal, a cavalo, então, mandava avisar primeiro, o dia da chegada dele aí, então, a turma ia lá e batizava tudo. Lá no Córrego... Que igreja! Na casa dele! A criança era registrada em Irupi, uma vilinha que tinha na beira do Turvo que tinha Cartório, então, a criança era registrada ali.”

“Esse Cartório de Irupi (agora) é em Paraíso. Documento de escritura, terra, aqui era tudo em Jaboticabal. Iam a cavalo, daqui, lá. Lá passavam as escrituras, em Irupi, mas o registro era em Jaboticabal. Todo lugar que tiver Cartório pode passar a escritura, mas o registro só na Comarca. Agora, o casamento e o registro da criança era Irupi.”

“(O idioma português): (Aprendi) logo, logo, daí a pouco que cheguei; agora, o pai e a mãe não aprenderam nunca (risos). Em casa, com a mulher e os filhos, a conversa é em espanhol; não tinha nada de brasileiro, e eles falam todos ainda em espanhol, porque eram pequenos... E eles, então, aprenderam a conversar em espanhol, porque eu não deixei de criança eles largarem. Queriam conversar entre eles lá, em brasileiro... aqui... não, aqui vocês vão aprender o espanhol! Agora, por fora, você quer caprichar, fala em brasileiro à vontade! A mulher não fala nada em brasileiro.”

“(O Brasil): Teve conhecido que mandou perguntar, ah... falávamos aqui é assim... não vem pensando que chega aí e enche o saco de dinheiro, não.. que precisa suar; Senão, fica aí, que é melhor do que aqui!”

“Sendo estrangeiros, não tem direito a mandar no Brasil... não pode nem votar... Eu mesmo, nas primeiras eleições que tiveram aqui, me aconselharam muito, fazia tudo de graça (naturalização), mas eu não quis, eu não, porque tinha intenção de voltar para a Espanha; e chego lá, não sou mais espanhol, né? Então, não quero ser brasileiro!”

“(Villa Novaes): Era uma “materia” pr’a criar bicho! Não só Novaes. Tudo por aqui, até Catanduva. Nossa Senhora! Uma mata que dava medo, o largo aí era uma mata que dava medo, a gente tirava pau aí que ia que nem daqui lá naquelas laranjeiras de grande.”⁴²

“... Depois que começou a abrir a vila, que começou a fazer casas, começou a formar a vila é que puseram o nome de Novaes. “No vaes”, por que não ia mesmo!!! (risos), porque tinha pouco movimento, mas

⁴¹ Fragmento de depoimento. Sr. Tercifon Cabrera, citado.

⁴² Fragmento de depoimento. Sr. Ildelfonso Blasquez Sanchez, citado.

*teve tempo que tinha três máquinas, quatro de serraria, de onde meu sogro era uma, outra do finado Capitão Chico Pinto que era um baiano, de uma fazenda pr'a lá também, e tinha duas máquinas de benefício, uma era do Miguel Ruiz, benefício de arroz e café, e depois tinha oito ou nove empório de roupa, tinha médico...”*⁴³

Considerações Finais

A temática imigratória desse período, o da imigração em massa, é das mais complexas. Desenrola-se no plano visível e concreto dos deslocamentos humanos enquanto fenômeno de caráter coletivo atrelado a circunstâncias históricas, porém tramita sutilmente por outros campos do saber, vinculados à dimensão pessoal do fenômeno, infiltrando-se e engendrando múltiplas abordagens.

D. Teodora, Seu Tercifon, Seu Ildefonso, e mais D. Ana Garcia, D. Carmen Dueñas, D. Ana Crespo Moreno, Seu Manuel Martinez, em suas narrativas particulares, na evocação das reminiscências de seu itinerário individual de experiência humana, permitiram uma abordagem privilegiada à temática, enriquecendo-a com elementos intangíveis à História oficial, promovendo, assim, um profícuo diálogo entre diferentes suportes empíricos.

Queremos crer, parafraseando Ecléa Bosi⁴⁴ quando se refere à questão da subjetividade nas narrativas, mais do que demonstrar a ampla possibilidade de abordagens permitidas e oferecidas pela questão migratória, que seus (dos imigrantes) erros e lapsos foram menos graves em suas conseqüências do que as omissões da História oficial.

Estamos, assim, convencidos de que “*nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a História*”⁴⁵, reconhecendo, portanto, que muito ainda há que ser feito para superar o diagnóstico de invisibilidade que paira sobre o imigrante espanhol e que parece dominar, igualmente, a outra “ponta” do mesmo fenômeno, se levarmos em conta as declarações com que iniciamos esse limitado ensaio.

Bibliografia

- ALBORNÓZ, N. Sánchez. *España hace un siglo: una economía dual*. Barcelona: Península, 1968.
- ALBORNÓZ, N. Sánchez. *Los precios agrícolas durante la segunda mitad del siglo XIX*. Madrid: Banco de España, 1975.
- BAHAMONDE, A. & MARTÍNEZ, J. *Historia de España, siglo XIX*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985 (“Obras Escolhidas”, Vol. I).
- BERNAL, Antonio M. La emigración de Andalucía. In: ALBORNOZ, N. Sánchez (comp.). *Espanoles hacia América: la emigración en masa, 1880-1930*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- BOLETIM DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DO TRABALHO. São Paulo, ano VII; n. 34/35, 1919.

⁴³ Fragmento de depoimento. D. Teodora Dias, citado.

⁴⁴ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1979, p. 1.

⁴⁵ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 223 (“Obras Escolhidas”, Vol. I). Citado geralmente como “Teses”.

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1979.
- CANOVAS, Marília. *A Emigração espanhola e a trajetória do imigrante na cafeicultura paulista: o caso de Villa Novaes, 1880-1930*. São Paulo: FFLCH-USP, 2001 (Dissertação de Mestrado).
- CANOVAS, Marília. Os espanhóis de Villa Novaes e suas narrativas. *Travessia - Revista do Migrante*, São Paulo, Gráfica e Editora Peres Ltda., ano XVII, n. 49, mai./ ago. 2004.
- DICCIONARIO de *Historia de España*, tomo II. Madrid: Revista de Occidente, 1952.
- FUENTES, M. *Despoblación y repoblación de España*. Madrid: s.r., 1929.
- GASSET, José Ortega y. *España invertebrada: bosquejo de algunos pensamientos históricos*. 2. ed. Madrid: Calpe, 1922.
- HALL, Michel. *The origins of mass immigration in Brazil, 1871-1914*. Columbia University, 1969 (PhD Thesis).
- HOLLOWAY, Thomas H. *Condições do mercado de trabalho e organização de trabalho nas plantações na economia cafeeira de S.Paulo, 1885-1915: uma análise preliminar*. Estudos Econômicos. São Paulo, v. 2, n. 6, 1972, p. 145-180.
- _____. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo - 1886/1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IBAÑEZ, Vicente Blasco. *La bodega*. Valencia: Prometeo, 1919 [1904].
- KOWARICK, L. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MENDOZA, E. *A cidade dos prodígios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MERTZIG, Lia R. L. *As dificuldades de adaptação do imigrante no Estado de São Paulo: repatriação e reemigração, 1889-1920*. São Paulo: FFLCH-USP, 1977 (Dissertação de Mestrado).
- MONBEIG, Pierre. *Le pionniers et planteurs de São Paulo*. Paris, 1952.
- MÖRNER, Magnus. *Aventureros y proletarios: los emigrantes en Hispanoamerica*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.
- NAVARRO, Manuel González de Molina. Siete problemas en la interpretación tradicional sobre el movimiento campesino andaluz. *Historia y fuente oral*, Barcelona, Universidad de Barcelona, n. 8, 1992.
- NOVAL, Luíz Martínez Noval. Apresentação. *Historia General de la emigración española a Iberoamérica, 1492-1992*. Madrid: CEDEAL - Fundación Centro Español de Estudios de America Latina, 1992.
- PETRONE, Maria Theresa S. Imigração. In: HOLLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil Republicano*. vol. 2, tomo III. São Paulo: Difel, 1978, p. 113-114).
- SPINDEL, Cheywa R. *Homens e máquinas na transição de uma economia cafeeira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RESUMO

A GRANDE EMIGRAÇÃO EUROPEIA PARA O BRASIL E O IMIGRANTE ESPANHOL NO CENÁRIO DA CAFEICULTURA PAULISTA: ASPECTOS DE UMA (IN)VISIBILIDADE

Neste artigo buscamos recuperar aspectos relacionados ao fenômeno da emigração em massa que configurou um determinado período histórico compreendido entre o fim das guerras napoleônicas e a depressão mundial de 1930. Procuramos, neste processo, visualizar a corrente imigratória originária da Espanha, país que contribuiu com o terceiro maior contingente para o Brasil no período, e cujo destino prioritário eram as fazendas de café que rasgavam o Oeste Paulista, servindo-se, para tanto, das facilidades promovidas pelo Governo do Estado de São Paulo, que tinha no subsídio à passagem do imigrante “apto” para o trabalho seu principal aliado. Nesse intento, buscamos reconstruir o processo de formação e evolução da localidade de Villa Novaes, cujas origens vincularam-se às grandes transformações introduzidas pelo avanço da agricultura cafeeira na região e à presença, sempre progressiva, de contingentes imigratórios de origem espanhola, com cujos remanescentes tivemos o privilégio de partilhar narrativas inspiradas na experiência singular a que se tinham submetido. Essa abordagem, permitindo a articulação de duas fontes empíricas, justificava-se sobretudo pela especificidade do tema e consistiu na operação de alinhar os pontos de contato entre os documentos escritos e os depoimentos orais, na abordagem de aspectos pouco examinados por nossa historiografia, relacionados ao caráter peculiar do imigrante espanhol no Brasil no período em pauta.

Palavras-Chave: Imigração; Emigração Espanhola; Espanhóis em São Paulo; Cafeicultura; Oeste Paulista.

ABSTRACT

THE GREAT EUROPEAN MIGRATION TO BRAZIL AND THE SPANISH IMMIGRANT IN THE COFFEE PLANTATIONS IN SÃO PAULO: ASPECTS OF AN (IN)VISIBILITY

Our research aims at recovering and investigating the formation and development of a community whose origins are linked to two factors, namely, the considerable changes introduced by the upgrading of the coffee planting techniques in the region later on designated as Araraquarense, and the progressive presence of immigrant contingents of Spanish origin. As a matter of fact, the analytical reconstruction of the Spanish settlement in that region, Villa Novaes, provided elements for another series of wider formulations, whose fundamental variants derive from these immigrants' native land. We tried to apprehend the multiple dimensions of the phenomenon of mass emigration of Spaniards in its roots, and to investigate the expectations of these immigrants concerning the country they were bound to as a whole, and, more specifically, the aspects revealed by the community in which they settled down, and which is the object of this thesis. Our aim was the one of setting up a referentially integrated and organic view. With this aim, and considering the double nature of our study - the collective and the individual one - we privileged two types of empirical sources to support our investigation: besides consulting written documents, we tried to open space for the investigation of the experiences of those who had actually lived all that series of past episodes, casting them as protagonists rather than as minor characters within the scenery of History. The combination of the two aforementioned types of sources aimed at recovering and discussing the particular characteristics of Spanish immigrants in Brazil in the focused period (1880-1930), and at understanding their role within the general context of immigration in Brazilian society.

Keywords: Immigration; Spanish Immigration; Coffee planting; Mass Spanish Emigration.